

# A COBERTURA TELEJORNALÍSTICA ANTES E DURANTE A PANDEMIA: ANÁLISE DE DUAS REPORTAGENS<sup>1</sup>

Andressa Paula Thomaz<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo busca analisar e compreender como foram construídas e produzidas as coberturas telejornalísticas do massacre ocorrido em 2019, em uma escola de Suzano (SP), e a reportagem sobre a chacina na Saudades (SC), em 2021. Ademais, pretende-se realizar um comparativo entre ambos os materiais, no sentido de avaliar até que ponto as restrições da pandemia causada pela Covid-19 impactaram o trabalho telejornalístico, em especial, da produção telejornalística sobre a cobertura de Saudades. Para tanto, utilizam-se os conceitos, as teorias e as concepções de Herscovitz (2010), bem como, o embasamento nas teorias de Yorke (2007), Charaudeau (2018), Emerim e Brasil (2011) e Squirra (1993); autores que tratam acerca dos acontecimentos, da cobertura e da reportagem dentro do telejornalismo. Com a realização deste estudo, pode-se constatar que as restrições impostas pela pandemia impactaram o fazer telejornalístico, além de apresentar resultados negativos para a produção de coberturas, pois, embora o repórter esteja no local do acontecimento, ele e a sua equipe perderam a liberdade de construir, com todas as técnicas, o mesmo resultado que produziam antes do momento pandêmico.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cobertura. Jornalismo. Telejornalismo. Televisão. Tragédia. Morte. Reportagem.

## Introdução

Como seres humanos, normalmente, vivenciamos acontecimentos repentinos que nos tiram da zona de conforto e causam impactos gigantescos em nossas vidas, causando-nos dor física ou psicológica, com as quais não estávamos preparados para lidar. Um exemplo disso ocorreu em 2020, quando o Brasil, assim como os demais países, começou a registrar os primeiros casos do novo coronavírus (Covid-19), visto que ninguém esperava por esse fato. No início, não se sabia o que esse vírus era nem o que poderia acontecer. Com o passar de alguns dias, infelizmente, a resposta veio à tona; as mortes em decorrência das complicações causadas por esse agente infeccioso começaram a surgir e a aumentar diariamente. Até maio de 2022, após dois anos do início das infecções, o Brasil havia registrado 666 mil mortes.

Nesse contexto, a fim de levantar questões acerca de como foi o trabalho dos profissionais jornalistas durante a pandemia da Covid-19, quais foram as mudanças e quais as dificuldades em se fazer jornalismo nesse período de crise sanitária global, este artigo analisa

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof. Me. Nadja Hartmann.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo, pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: 174281@upf.br

como foram produzidas e construídas as coberturas ao massacre de Suzano<sup>3</sup> (SP) e à chacina de Saudades<sup>4</sup> (SC), duas tragédias ocorridas em momentos diferentes no país, a primeira, antes da pandemia, e a segunda após esse momento, com o intuito de comparar os aspectos técnicos de cada uma das reportagens.

Assim, cabe apresentar a importância do telejornalismo, para a construção de uma sociedade, bem como, evidenciar a relevância desse trabalho diante aos fatos inesperados; premissas que destacam a pertinência deste estudo. Além disso, busca-se ressaltar como a técnica telejornalística, se seguida corretamente, pode quebrar os paradigmas que contradizem que a comunicação em geral não necessita de conhecimentos específicos e próprios para produzir informação.

Para tanto, neste estudo, utiliza-se a metodologia que apresenta a análise de conteúdo, baseada nos conceitos de Herscovitz (2010), guiada sob as categorias elaboradas que se fundamentam em autores como Yorke (2007), Charaudeau (2018), Emerim e Brasil (2011), e Squirra (1993), os quais delimitam e esclarecem os princípios pertinentes a este trabalho.

Diante disso, as duas reportagens selecionadas são produzidas pelo veículo Globonews e veiculadas ao G1. Uma delas trata da cobertura do massacre que aconteceu em uma escola de Suzano (SP), em 2019, antes da pandemia da Covid-19; momento em que protocolos de cuidados e o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) não eram necessários. Já a outra reportagem aborda a cobertura da chacina ocorrida em uma creche de Saudades (SC), em 2021; fato que aconteceu durante a pandemia do coronavírus. Dessa forma, após contextualizá-las, apresenta-se a análise comparativa de como as duas coberturas escolhidas para este estudo foram concluídas.

## 1 Acontecimento no jornalismo

Para definirmos o que é acontecimento no ramo estudado, partimos da ideia de que o jornalismo, por ser um produto, necessita “nascer” de algum ponto. Este que é a informação, uma vez que, sem ela, definitivamente, não haveria produção jornalística. Para dar continuidade, imaginemos, então, uma pequena ramificação em que a informação se

---

<sup>3</sup> MASSACRE em escola em Suzano deixa 10 mortos e nove feridos. Suzano, SP: Globonews, 2019. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/video/massacre-em-escola-em-suzano-deixa-10-mortos-e-nove-feridos-7453812.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2022.

<sup>4</sup> CALDAS, Joana. Vítimas mortas em ataque a creche em Saudades levaram ao menos 5 golpes de facão, diz IGP. **G1 Santa Catarina**, 04 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/05/04/todas-as-vitimas-mortas-em-ataque-a-creche-em-saudades-receberam-pelo-menos-5-golpes-de-facao-diz-igp.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2022.

concentra ao meio, do qual saem mais as ramificações. A primeira extensão é o jornalismo; deste, teremos o acontecimento, ao qual se ligam as produções que, por sua vez, ramificam as coberturas e as reportagens, e assim ocorre sucessivamente.

O acontecimento no jornalismo, portanto, resume-se em ser uma construção de sentido que se situa no âmbito daquilo que Charaudeau (2018) chama de “mundo a comentar”, não sendo vista no “mundo comentado”. Desse modo, o primeiro mundo é voltado aos jornalistas, aos meios de comunicação e à produção de notícias; enquanto, o segundo, designa-se como a parte de recepção, que vem a ser os consumidores das notícias, o público em geral. De acordo com o autor,

o acontecimento é definido ora como todo fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual. Ora o acontecimento é confundido como a novidade, ora ele se diferencia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a ideia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado (CHARAUDEAU, 2018, p. 95).

Nessa perspectiva, esse pode ser percebido a partir de dois pontos de vista: o do entendimento e o da ação. Quando analisado, ele pode indicar dois aspectos, o começo e o fim de uma época. Do ponto de vista da ação, surge como poder de revelação, mostrando situações problemáticas que requerem uma solução, ou como a descoberta de novas possibilidades, antes não imaginadas, de modo a resultar em uma nova forma de ação.

Os acontecimentos podem ser fatos previstos, imprevistos ou mistos. Os previstos são aqueles que podemos ter conhecimento antecipadamente, ou seja, ficamos cientes do que irá acontecer. Os imprevistos resumem os fatos inesperados, dos quais ninguém possui conhecimento antecipado, por exemplo os crimes, os acidentes, etc. Já os mistos são aqueles que reúnem, em apenas um fato, o previsto e o imprevisto. Assim, por estar sempre associada a algo ruim e, conseqüentemente, à morte, ao falarmos de tragédia, cabe-nos a ideia de que essas são duas situações pelas quais ninguém deseja passar. Logo, neste estudo, utilizamos o conceito de *acontecimento imprevisto*, visto que apresentamos duas tragédias, consideradas crimes, que envolvem mortes e que não estavam sendo esperadas ou previstas por alguém. Ou então, ainda, como cita Oliveira (2016, pg.54), pode-se evidenciar os acontecimentos mediáticos, ou acontecimentos televisivos como são conhecidos. Estes se resumem em ser, os acontecimentos que não alteram propriamente dito a grade de programação, mas sim a rotina do público que está acompanhando determinada cobertura.

Cabe relatarmos, aqui, ambos desses momentos dentro do telejornalismo, visto que, para Fechine (2006 *apud* PORCELLO; VIZEU; COUTINHO, 2013, p. 32), “[...] a TV consegue fazer a articulação entre a lógica individual e a coletiva: o telejornal acaba sendo um ponto de encontro para o choro e a morte”. Conforme destaca Katz (1999, p. 53 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 56), o “elemento de grande drama ou ritual é essencial: o processo tem de estar carregado de emoções, símbolos, e o resultado repleto de consequências. É ‘algo especialmente comovente’ que atrai e estimula o público a acompanhar a transmissão.”.

### **1.1 Cobertura no jornalismo**

Como elucidado, após entendermos que o jornalismo necessita de uma informação para se ramificar e dar origem a uma notícia, da qual sairá o acontecimento; agora, precisamos evidenciar a cobertura, como conceito que deriva do próprio acontecimento.

Para a televisão é muito importante levar ao ar coberturas de determinados fatos, uma vez que dedicar esse tempo e espaço para isso faz com que ela evidencie não apenas casos não factuais, mas trabalhe diretamente com os acontecimentos do dia a dia. Na visão de Emerim e Brasil (2011, p. 4), a

cobertura corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado. Porém, há também a acepção mais técnica que indica o termo cobertura a ser compreendido como área de cobertura, que se define pelo espaço geográfico ou virtual de abrangência, ou espaço recoberto ou alcance de sinal da emissora.

No cotidiano, comumente escutamos esse termo em referência a todo trabalho produzido externamente, pelos veículos de comunicação, bom como ao ato de “apresentar um tema sob diferentes abordagens, ou seja, que aprofunde, desenvolva ou diversifique o tema central” (EMERIM; BRASIL, 2011, p. 4). Além disso, é muito comum visualizarmos, na televisão, as coberturas jornalísticas que abordam debates sobre questões rotineiras dos indivíduos, retratando, detalhadamente, as emoções dos envolvidos.

Ainda, quando falamos em cobertura, rapidamente, teletransportamo-nos ao pensamento básico que a define como a produção de material acerca de algum acontecimento ocorrido. Desse modo, encontrar casos, como coberturas de guerras, assassinatos ou, até mesmo, de estiagens prolongadas, são situações que aproximam os profissionais da área à sociedade, fazendo com que se crie a ideia padrão do que é a cobertura.

Durante a realização desse trabalho, é necessário que o jornalista se empenhe o máximo possível para cobrir a diversidade de vozes e de gêneros que constituem a realidade social e cultural do fato, retratando toda a situação ao público. Dessa forma, mesmo que a realização de uma cobertura jornalística ocorra sempre prezando pelos direitos éticos, ressalta-se a busca pela objetividade e pela constância entre distintos pontos de vista; isto é, a imparcialidade é uma meta prezada, mas que, na maioria das vezes, acaba sendo falha.

Isso posto, precisamos compreender a diferença entre *grande cobertura* e *cobertura grande*; a qual parece ser óbvia, mas que, ao ser analisada criticamente, evidencia lados distintos. Logo, no sentido de tempo, grandes coberturas não são coberturas grandes. Essas, pois, podem ser divididas em partes que indicam duas compreensões diferentes: a conceitual e a temporal.

As coberturas televisivas, nesse caso, sendo grandes coberturas ou coberturas grandes, ou ainda cobertura de um acontecimento, podem ocorrer de forma *retrospectiva*, ou seja, aquelas que iniciam no próprio acontecimento. Para Emerim e Brasil (2011, p. 5),

nas coberturas televisivas retrospectivas, as equipes partem do acontecimento para então buscar as informações, as relações de causa, meio e fim que envolve o fato. Como por exemplo, as produções televisivas resultantes da cobertura dos Tsunamis (Ásia), do Seqüestro do ônibus 174 (Brasil), a cobertura do segundo dia em diante do seqüestro da adolescente Eloá (Brasil).

Por outro lado, elas também podem ser conhecidas como *prospectivas*, sendo aquelas em que o acontecimento não é algo repentino, como uma guerra ou os assassinatos, mas, sim, um fato já certo, como os julgamentos, os eventos esportivos, entre outros. Conforme Emerim e Brasil (2011, p. 5), “as prospectivas consideram as probabilidades, latências e tendências e permitem às equipes planejar a execução da cobertura.”

Ademais, outro ponto relevante que podemos ressaltar, dentro de grandes coberturas, é que as essas são compostas por ocorrências de maior valor para a sociedade; isto é, são “[...] notícias que mexem com a rotina das pessoas, que suscitam o interesse e se tornam temas principais da sociedade” (EMERIM; BRASIL. 2011, p. 5).

Na grande maioria das vezes, as coberturas jornalísticas são vistas pela sua prática e sua agilidade de produção, ao contrário de uma reportagem que requer mais tempo para ser produzida. Como ambas possuem diferenças, quando a cobertura ocorre em determinado veículo televisivo, muda-se completamente a rotina de produção.

## 1.2 Reportagem

Como uma forma de levar a informação aos telespectadores através da televisão, a reportagem telejornalística possui textos, imagens e a presença indispensável, em grande parte das produções, do repórter, das fontes e dos cases. Por isso, quando falamos em televisão, automaticamente somos remetidos à ideia padrão de um profissional jornalista apresentando as principais notícias diretamente do estúdio daquele veículo; porém para que isso possa acontecer, é preciso que, antes, a notícia seja produzida por um repórter.

Por meio da apuração, da checagem, dos questionamentos e das entrevistas, começam a ser levantadas as informações daquilo que está ocorrendo em determinado local e que esse profissional jornalista deve preparar para a transmissão. Quando ocorrem acidentes, como os casos abordados neste artigo, o repórter deve, de imediato, deslocar-se até o local e já apurar as principais informações sobre o ocorrido. Nesse instante, ele precisa já saber o que quer buscar do lugar e levantar o que for relevante ao incidente; bem como, tem de apresentar sua capacidade de selecionar a pessoa ideal entrevistar, a qual, além de apenas saber falar sobre o acontecido, necessita abordar as principais informações e passá-las de forma clara e objetiva ao público, sem gerar dúvidas ou distorcer os fatos.

Frente a isso, Squirra (1993) apresenta uma série de regras básicas que o repórter televisivo deve seguir ao realizar a produção de algum trabalho. Conforme o autor, em coberturas e reportagens jornalísticas, esse profissional não deve entregar o microfone ao entrevistado, pois, assim, a pessoa que estiver sendo entrevistada estará nas mãos do repórter. Além desses cuidados com a parte técnica, o jornalista precisa procurar ouvir as partes envolvidas no assunto tratado, de modo a acompanhar o raciocínio do entrevistado e demonstrar interesse ao que está sendo abordado. Seguindo esses preceitos, o repórter pode obter êxito em suas produções e, de certa forma, evitar situações que lhe impeçam ou tragam problemas ao seu conteúdo e a sua propagação.

Na televisão, o que caminha ao lado desse profissional, serve como um apoio e é fundamental para esse meio de transmissão é a imagem; pois, como visto em Charaudeau (2018, p. 109), a “televisão é imagem e fala, fala e imagem”. Trazer uma informação e seus acontecimentos sem apresentar imagens seria a mesma coisa que irmos para a escola sem os devidos materiais; estaríamos presentes, mas não entenderíamos nada sem um suporte. Logo, os retratos, nesse meio, possuem esse papel, o de complementar ainda mais determinado fato; de construir e de fechar a reportagem e a cobertura.

## 2 Produção e técnicas de reportagem no telejornalismo

No telejornalismo, o tempo é primordial e deve ser muito bem trabalhado. Segundo o manual do telejornalismo, criado pela Universidade Federal do Cariri (UFCA)<sup>5</sup>, a produção de uma reportagem pode ser dividida em dois campos, sendo eles o *antes* e o *depois*. Na televisão, o antes, ou seja, a pré-produção, requer muito trabalho por parte da equipe de produção, visto que exige boas e novas ideias, excelentes contatos, criatividade e muita agilidade. Após ter a pauta em mãos, o repórter e a equipe que o acompanhará se deslocaram até o local em que a essa sugere, para começarem a coleta das informações, das imagens e, claro, estudar os melhores ângulos e enquadramentos para iniciar a produção.

Na visão de Barbeiro e Lima (2002, p. 45), nesse meio,

não basta ser 24 horas de notícias, tem que conter o maior número possível de dados em uma sucessão que dê ao telespectador a sensação de ser informado pela velocidade com que os acontecimentos são apresentados, isentando-o de qualquer atitude crítica, como se a velocidade da apresentação fosse um fim em si mesma.

O conceito do depois, por sua vez, pode ser entendido como o momento em que a reportagem passa pela redação, no qual será repassado todo o material para que os editores de texto possam produzir a versão final do roteiro de edição. É nesse instante que alguns mecanismos utilizados em grandes ou pequenos trabalhos jornalísticos começam surgir, como a cabeça<sup>66</sup>, que é elaborada pelo próprio repórter ou pelo seu editor de texto.

Na produção de reportagens, também podemos encontrar outros procedimentos, como as passagens<sup>7</sup>; instrumento que é muito utilizado nas matérias e que evidencia o papel do repórter, visto que é o momento em que ele aparece durante a gravação, trazendo alguma informação sobre o acontecido. Ainda, em grandes acontecimentos, como as tragédias abordadas neste artigo, é possível que os repórteres utilizem-se do ao vivo<sup>8</sup>.

Além da análise desses mecanismos, para a realização deste trabalho, utilizaremos categorias que irão servir de guia para melhor compreensão dos objetos estudados e aqui analisados. Sendo assim, apresentamos a primeira categoria a ser analisada: a *expressividade do repórter*.

---

<sup>5</sup> Cf. Cajazeira *et al.* (2016).

<sup>66</sup> A cabeça da matéria é lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria/reportagem produzida pelo repórter. Para mais informações, consulte o *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*.

<sup>7</sup> A passagem é quando o repórter aparece na reportagem de TV, sendo que a sua gravação, geralmente, é feita no local da notícia e traz informações adicionais. Para mais informações, consulte o glossário do telejornalismo em: [www.casadasfocas.com.br](http://www.casadasfocas.com.br).

<sup>8</sup> Ao vivo é a transmissão de uma notícia em tempo real, em um estúdio ou no local do fato. Para mais informações, consulte o glossário do telejornalismo em: [www.casadasfocas.com.br](http://www.casadasfocas.com.br).

Como o próprio nome já evidencia, nesse ponto é necessário que o repórter se atente a algumas questões que partem da sua expressão e que, muitas vezes, se deixadas de lado, podem comprometer o resultado final de seu trabalho. Assim, cuidados com sua postura e com sua locução são práticas essenciais para um jornalista, principalmente, no telejornalismo, pois a imagem do repórter é a assinatura de todo o seu trabalho. Quando caprichados, esses detalhes fazem com que o profissional dê mais fluidez ao seu discurso e passe mais segurança sobre o assunto que está tratando ao seu telespectador.

Segundo Peixoto (2016), a postura estética que o repórter e o cinegrafista adotam também é política, uma vez que eles se posicionam dentro de uma linguagem, seja reproduzindo-a ou desconstruindo-a. Chamada de *postura do repórter com as fontes*, esta está ligada ao conceito de como o profissional conduz o seu entrevistado durante as gravações.

Dessa forma, há algumas regras muito importantes que o profissional jornalista não deve deixar de seguir, como não permitir que a fonte/case, ou seja, o entrevistado, segure o microfone. Essa atitude faz com que a pessoa que está sendo entrevistada tenha liberdade para fazer o que quiser, fugindo do controle do repórter. No entanto, essa regra deve ser desconsiderada nos casos em que o repórter utilizará o microfone de lapela<sup>9</sup>.

Sendo assim, o local em que o jornalista irá realizar sua produção é muito importante; logo, este deve estudá-lo, a fim de que, ao se deslocar até o lugar do fato, encontre e já conheça todos os detalhes e os enquadramentos que serão necessários, sem infringir a lei da ética, isto é, não utilizar a imagem dos espaços em que se encontram as vítimas, etc.

Na visão de Musse C. e Musse M. (2010, p. 1),

a entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística. Seja na elaboração de um minucioso perfil ou na agilidade da confecção de um “povo fala”, é raro o produto audiovisual que não lance mão da entrevista como elemento fundamental para contextualizar e garantir o status de verdade que caracteriza os gêneros telejornalístico e documental.

Todavia, conforme já relatamos brevemente, com a revolução causada pela Covid-19, surgiu uma nova maneira de entrevistar que se diferencia, e muito, da forma padrão que os jornalistas levavam consigo em suas produções. Emerim, Pereira e Coutinho (2020, p. 240), evidenciam que “a nova forma de entrevistar respeita o distanciamento social, uma das medidas de prevenção ao novo coronavírus”. Os autores acrescentam que, subitamente, os

---

<sup>9</sup> Microfone de lapela, na maioria das vezes, é usado pelos apresentadores e é muito sensível, captando todo o áudio a sua volta. Em casos de reportagens especiais, pode ser utilizado para suavizar a imagem (PATERNOSTRO, 1999).

repórteres não podiam mais chegar perto da pessoa entrevistada, sendo necessário, então, o uso de dois microfones direcionais, devidamente higienizados; um para o profissional jornalista, outro para o entrevistado (EMERIM; PEREIRA; COUTINHO, 2020)

Assim, como citam os estudiosos, esses profissionais passaram, além de por mudanças técnicas, por mudanças pessoais. Por segurança, e como protocolo, os repórteres tinham de utilizar máscaras, mas ainda seguindo alguns pontos impostos pelo telejornalismo. O primeiro ponto era que a máscara utilizada por esse profissional devia seguir um padrão, tendo que “[...] ser branca ou de uma cor neutra, que não chame a atenção, que não faça o telespectador tirar o foco da informação” (EMERIM; PEREIRA; COUTINHO, 2020, p. 240).

### 3 Análise

Para realizarmos a análise que compõe este artigo, iniciamos o estudo sobre a maneira com que as restrições impostas pela Covid-19 impactaram na produção telejornalística. Desse modo, analisamos como as informações foram trabalhadas pelos profissionais, para que não houvessem falhas na comunicação.

Nesse sentido, os objetos selecionados para este trabalho são duas tragédias que ocorreram em momentos diferentes no Brasil. Para compor esta análise de conteúdo, embasada em Herscovitz (2010), faremos as mesmas observações para ambas as reportagens, considerando o fato de que uma ocorreu, em 2019, antes do início da pandemia; e a outra, durante o período pandêmico, no ano de 2021. Assim, poderemos avaliar até que ponto as mudanças técnicas na produção da cobertura, impostas pela pandemia, impactaram no resultado final da reportagem.

A pesquisa realizada é, então, de caráter exploratório; estruturada na análise de conteúdo, visto que, além da análise e da comparação, este estudo busca compreender e mostrar como os repórteres passaram pelas adaptações impostas pelos protocolos da Covid-19 e como conduziram essas mudanças nas suas rotinas de produção. Dessa forma, para a identificação de como foi produzida cada reportagem, precisamos separar os materiais que compõem a análise. Logo, todo material, como as próprias reportagens, se tornaram parte da pesquisa exploratória, baseando-se nestas categorias que serão analisadas, perante as adaptações sofridas: *tipos de acontecimentos, uso do microfone, local das passagens, postura do repórter com as fontes e a expressividade do repórter.*

#### 4 Acontecimento de Suzano: antecedente à pandemia

Na manhã de quarta-feira, 13 de março de 2019, por volta das 9 horas e 40 minutos, a Escola Estadual Professor Raul Brasil, localizada em Suzano, região metropolitana de São Paulo, teve, em suas dependências, um acontecimento que abalou familiares e chocou o país. Dois jovens, encapuzados, entraram na instituição e efetuaram diversos disparos com arma de fogo, atingindo dezenas de alunos e funcionários que estavam no intervalo da aula. Minutos antes do ocorrido na escola, um dos jovens assassinou seu tio, que era comerciante da cidade. Ao total, foram 10 vítimas, entre os dois assassinos que foram mortos. No mesmo dia da tragédia, o veículo G1<sup>10</sup>, em ligação com a Globonews, acompanhou o caso presencialmente.

##### 4.1 Cobertura produzida

O vídeo da reportagem produzida pela Rosana Cerqueira possui duração de oito minutos e nove segundos. Nele, vimos que, antes da cobertura sobre o ocorrido em Suzano entrar no ar, é feita uma chamada pelo âncora Eraldo Pereira, que está no estúdio apresentando o Jornal das Dez. O apresentador utiliza esse mecanismo para que a repórter faça sua entrada ao vivo e traga informações sobre a cidade de Suzano, como o número de habitantes, etc. Dessa forma, Eraldo chama a repórter, dizendo: “*vamos, então, direto a Suzano, com a repórter Rosana Cerqueira, que passou a tarde em frente à escola e tem as informações. Olá, Rosana, boa noite pra você.*” (informação verbal)<sup>11</sup>.

Nessa sua entrada, ocorrida às 22 horas do dia em questão, é possível percebermos que Rosana está em um enquadramento de *plano médio*, o qual Squirra (1993) aborda como aquele que fecha no essencial. Nesse caso, como era ao vivo, a repórter selecionou o local mais importante daquele acontecimento, com o plano fechado nela e, ao fundo, o portão que dá acesso à escola. Desse modo, podemos perceber também a movimentação de pessoas, pois,

---

<sup>10</sup> Integrante do Grupo Globo de comunicação, o veículo G1 é um portal de notícias criado em 18 de setembro de 2006. Este disponibiliza, além de reportagens próprias em formato de texto, fotos, áudio e vídeo, o conteúdo de jornalístico de diversas empresas do Grupo Globo, da Rede Globo, como a Globonews, a rádio CBN, os Jornais O Globo, o Extra, o Expresso e o Valor Econômico; bem como, as revistas Época e Globo Rural, entre outras. O veículo possui cinco redações próprias, sendo essas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Brasília, em Belo Horizonte e em Recife. Além dessas, também é alimentado com notícias de agências jornalísticas parceiras. O portal conta, ainda, com alguns programas, como o G1 em Um Minuto, podcasts, O Assunto, Papo de Política, Globonews Internacional, Semana Pop, Resumão, Bem-Estar, Desenrola - Rio, Em Movimento, Eu te Explico, Funciona Assim, Isso é Fantástico, Educação Financeira, G1 Ouviu, HUB Globonews, Escuta que o filho é teu, Baixada em Pauta e PodParaná.

<sup>11</sup> Chamada feita por Eraldo Pereira, no Jornal das Dez, no dia 13 de março de 2019, em reportagem sobre o massacre ocorrido em Suzano (SP). Cf. Massacres... (2019).

mesmo sendo considerado como plano médio, esse ângulo possibilita a presença de um cenário de fundo.

Quadro 1 – Cobertura Suzano



Fonte: Massacres... (2019).

Ainda no ao vivo, o cinegrafista Ricardo Antunes mostra alguns familiares, amigos e vizinhos orando e acendendo velas ao lado da escola. Esse enquadramento é entendido como imagem *panorâmica*, a qual, conforme Squirra (1993, p. 137), “trata-se de movimento no eixo da câmera, sem deslocá-la do lugar. A câmera capta imagens da esquerda para direita e vice-versa, ou ainda, de cima para baixo e vice-versa”. Todo esse trabalho de movimento exige tempo, pois deve estar dentro do que a repórter está falando.

A cobertura continua com um off, apresentando as fotos dos dois assassinos, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luís Henrique de Castro, de 25 anos, e retrata todo o momento de terror. Após a reconstrução do acontecimento, entra a primeira sonora, de Rodrigo Cardí, um amigo de Jorge, tio de Guilherme, que foi assassinado com três tiros à queima roupa pelo próprio sobrinho. Nessa entrevista, podemos identificar e pontuar duas das categorias abordadas e tratadas neste artigo, como a postura do *repórter com as fontes* e o *uso do microfone*; um microfone bola, segurado pelo repórter. Assim, quanto à postura do repórter com o entrevistado, vemos que essa é direta e que há outros veículos no local, também gravando a mesma entrevista, a qual é bem curta, apenas trazendo o essencial.

A maior parte das imagens que são utilizadas pela repórter e que narram os fatos é composta por cenas captadas pelas câmeras de segurança da escola, empregando-se um “desfoque”, para não mostrar as vítimas e a situação de pânico no local. Contudo, em alguns momentos das filmagens, é possível evidenciarmos alunos caindo ou ouvirmos os gritos de desespero. Para Morin (1987 *apud* PORCELLO; VIZEU; COUTINHO, 2013), a apresentação de imagens como as utilizadas na reportagem, remete à espetacularização, ou seja, ao reconhecimento do público para com a situação; satisfazendo, assim, o desejo de reconhecer o

que está ocorrendo e, de alguma maneira, proporcionando a identificação com determinado acontecimento.

Tais fatos, como o massacre na escola de Suzano, são classificados como *acontecimentos midiáticos*, também conhecidos como *acontecimentos televisivos*. Esses, segundo Dayan e Katz (1999 *apud* OLIVEIRA, 2016), podem, ainda, ser denominados como *acontecimentos não planejados*, inesperados, mas que, de certa forma, não alteram a programação televisiva. Isso, porque a grade será programada para entrar com coberturas extratelevisivas, falando e trazendo informações sobre o fato ocorrido.

A cobertura do massacre de Suzano, por exemplo, ao retratar a questão do assassinato, caracteriza-se pela seleção do acontecimento noticioso; porém, ao partir para a questão em que busca apresentar os familiares orando, acendendo velas, levando flores ou no funeral, identifica-se como acontecimento midiático, ou televisivo, que é quando a grade da programação televisiva é totalmente programada para cobrir aquele determinado momento. Assim, dentro desse pensamento e seleção de acontecimentos, existe a ligação e o embasamento com a categoria de *tipos de acontecimentos*, já citadas anteriormente neste estudo.

Na sequência da reportagem, vemos a segunda sonora; de Lucas Alves, de 16 anos, um dos alunos que conseguiu fugir, pulando o muro da escola. Nessa, ainda na frente da escola, onde se encontra um grande público de pessoas, policiais e equipe médica, Lucas conta o que ouviu, viu e fez para sair do pânico, de modo que podemos observar que essa não foi uma entrevista programada<sup>12</sup>.

Em seguida, apresenta-se uma terceira sonora de uma mulher, que não é identificada pela repórter; a entrevistada conta que ajudou a acolher alguns dos alunos que contavam, desesperados, o que estava acontecendo. Assim como na anterior, esta entrevista ocorre no meio de toda a multidão formada em frente à escola.

Dando seguimento à cobertura, após a utilização de um off, entra a quarta sonora, de uma cozinheira, identificada como Silmara Moraes. Do mesmo modo que nos antecedentes, nesta, conseguimos perceber o padrão de filmagem utilizado, com plano próximo, o qual consiste em ser um enquadramento mais fechado, que dá foco ao entrevistado.

A quinta sonora é de uma mulher, também enquadrada em plano próximo, caracterizada por apresentar uma entrevista com testemunha ocular, assim como as demais já

---

<sup>12</sup> Para Yorke (1998, p. 98), as entrevistas programadas “fornecem boa parte do material básico para inclusão em reportagens maiores [...], podem ser providenciadas com bastante antecedência, permitindo que o repórter prepare-se devidamente.”

citadas. Após essa, Rosana Cerqueira volta ao vivo em frente à escola; nesse momento, a repórter utiliza a sua entrada ao vivo como uma passagem gravada para a reportagem, o que se conecta à categoria de *local das passagens*.

As passagens, por sua vez, são como uma assinatura do repórter dentro da reportagem. Na perspectiva de Squirra (1993), isso é como uma atribuição do repórter, como sendo uma abertura da cobertura; por isso, nessas, as informações devem ser claras, precisas e interessantes. Ademais, o autor afirma que “as mudanças de cenário são importantes e úteis para a matéria, pois, conforme Peter Ruge, as mudanças de cenário podem constituir excitadores formais de tensão narrativa” (SQUIRRA, 1993, p. 78).

Na sequência da matéria, após a utilização de off para fazer a ligação entre as sonoras, entra a fala do governador do estado de São Paulo, João Dória, caracterizando-se como a sexta sonora apresentada. Pelas imagens da chegada de Dória e pelo local em que a coletiva é gravada, é possível notarmos que o espaço não é o local do acontecimento.

Logo após, vemos mais um off de ligação e de complemento e, então, a sétima sonora, gravada do lado de fora da escola, o que podemos identificar pelos muros brancos da instituição. Nessa, o secretário de educação de São Paulo reforça a importância da segurança nas escolas. Sendo assim, a sexta e a sétima sonora podem ser caracterizadas como uma espécie de coletiva de imprensa, que consiste em agrupar os demais veículos de comunicação presentes, para tirarem suas dúvidas, explanarem suas questões e colherem as informações.

Isso posto, na Figura 2, esquematizamos o tempo de duração, a quantidade de sonoras e de ao vivos utilizados ao longo da reportagem. Ressaltamos, ainda, que, nessa cobertura, foram utilizados sete offs de ligação, sendo que cada um totalizou, aproximadamente, quatro segundos, o que totaliza *5 minutos, 2 segundos e 19 milésimos*.

Quadro 2 – Produção técnicas Suzano.

Número de sonoras	Tempo das sonoras
1ª sonora	00:09:36
2ª sonora	00:11:83
3ª sonora	00:14:55
4ª sonora	00:13:60
5ª sonora	00:08:93
6ª sonora	00:25:66
7ª sonora	00:40:84

  

Número ao vivo	Tempo dos ao vivo
1ª Entrada	02:28:18
2ª Entrada	00:22:90

Fonte: autora (2022).

## **5 Acontecimento de Saudades: durante a pandemia**

A data de quatro de maio de 2021 ficou marcada como um dia macabro, no calendário de Saudades, município com cerca de 10 mil habitantes, localizado no Oeste de Santa Catarina. Na manhã desse dia, três crianças e duas funcionárias foram mortas em uma chacina na creche Pró-Infância Aquarela. O assassino, Fabiano Kiper May, de 18 anos, invadiu a escola infantil por volta das 10 horas da manhã, portando armas, identificadas como sendo duas facas.

Tal fato que chocou o país ocorreu durante a pandemia da Covid-19, outro acontecimento trágico que, há aproximadamente dois anos e meio, ceifou a vida de milhares de pessoas. Esses podem ser considerados como dois acontecimentos inesperados que ocorreram no mesmo período, causando mortes e sofrimento.

Frente à tragédia de Saudades, diversos veículos de comunicação noticiaram o fato ocorrido, como a NSC TV, emissora de televisão de Santa Catarina, afiliada da Rede Globo, veículo da reportagem que analisaremos neste artigo. A cobertura em questão foi produzida pela repórter Letícia Ferrari, veiculada ao G1 de comunicação.

### **5.1 Cobertura produzida**

Em comparação à cobertura que retratamos anteriormente, esta, sobre a chacina de Saudades, diferencia-se pelo seu tempo de duração, totalizando três minutos e nove segundos. Além disso, a repórter já faz, de início, a sua entrada ao vivo, sem antes haver uma chamada feita por algum âncora no estúdio, como no caso da cobertura de Suzano, que teve a introdução pelo apresentador.

Dessa forma, Letícia Ferrari inicia sua fala em frente à entrada da Escola Aquarela, às 19 horas e 11 minutos, trazendo informações sobre o acontecimento e contextualizando a situação. No local, ao contrário da cobertura de Suzano, não há movimentação de pessoas durante a realização do ao vivo. Outra diferença evidenciada é que, em razão da pandemia, respeitando os protocolos de cuidados e prevenção, podemos notar que a repórter está de máscara, o que não era necessário na cobertura de Suzano, visto que ocorrera em 2019, antes da pandemia.

Quadro 3 – Cobertura Saudades



Fonte: Caldas (2021).

Segundo o *Guia sobre a Covid-19 para as redações*, publicado com a colaboração da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), alguns passos foram estipulados para os profissionais seguirem durante as gravações, que foram adaptadas em virtude dos protocolos da Covid-19. A primeira regulamentação foi para que os jornalistas pensassem sobre suas próprias seguranças, antes de aceitarem fazer uma reportagem. A segunda, visto que as regras do distanciamento social se aplicam às fontes, a menos que fossem absolutamente necessárias, limitar-se-iam as reportagens presenciais. Do mesmo modo, era preciso, regularmente, higienizar os equipamentos que fossem de uso compartilhado.

Conforme explica Oliveira (2016), no ramo jornalístico, o ao vivo passou a ser usado com mais frequência em variados fatos ocorridos. Na reportagem em questão, ao chamar a cobertura produzida no local do ocorrido, inicia-se um off, repleto de imagens feitas em frente à Escola Aquarela, logo após a tragédia. Nessas retratações, podemos perceber um enquadramento plano conjunto, caracterizado por ser mais fechado do que o plano geral, a fim de trazer as informações necessárias de determinado local; ainda, vemos um plano próximo que mostra o nome da escola.

No off, a repórter traz informações acerca do momento em que ocorreu o fato, além de abordar a situação pela qual as pessoas estavam passando. Após isso, entra a primeira sonora, da professora Aline Biazebeti, que conseguiu ligar para a polícia, pedindo ajuda. Essa é gravada no meio da rua, numa parte mais distante da frente da escola. Nela, é possível percebermos que, ao contrário da cobertura de Suzano, a entrevistada está segurando seu próprio microfone, em razão aos protocolos da Covid-19. A mulher também está devidamente utilizando máscara facial e, pela sua postura, direcionada para a repórter, ela está com a uma distância considerável da Letícia e do cinegrafista. No local da entrevista, não há aglomeração de pessoas.

Após esse momento, entra um segundo off, que apresenta informações sobre Fabiano Kiper, o assassino, e como ele invadiu a creche. Esse, por sua vez, coberto com imagens mais

fechadas da fachada da escola, nas quais é possível percebermos a movimentação apenas de algumas equipes que estavam prestando ajuda no local.

Na sequência, a segunda sonora, de Jerônimo Marçal Ferreira, delegado civil que estava investigando o caso, assim como a anterior, é gravada no mesmo local. O entrevistado também está utilizando máscara e segurando seu microfone, estando a, aproximadamente, um metro da equipe de reportagem. Em seguida, vemos o terceiro off, igualmente coberto por imagens já utilizadas da fachada da escola, que faz ligação para mais uma sonora da Aline. Assim, podemos perceber que a entrevista da professora foi gravada toda no mesmo local.

Dando sequência, mais um off é utilizado, para a passagem da repórter, que está em frente à escola. Assim, Letícia grava a passagem utilizando máscara facial e microfone bola, este que não é o mesmo utilizado pelos entrevistados, uma vez que, por causa da pandemia, cada um precisa utilizar um microfone. Como vemos nas afirmações de Emerim, Pereira e Coutinho (2020, p. 240), “de repente, o repórter não pode mais chegar perto do entrevistado. É preciso usar dois microfones direcionais. O repórter ficaria com um, e o entrevistado, com um outro microfone, devidamente higienizados”.

Ademais, podemos ressaltar que, no local da passagem, não há aglomeração de pessoas, ao contrário da cobertura de Suzano. Depois dessa transição, entra a terceira sonora, novamente do delegado, no mesmo local. Em seguida, apresenta-se mais um off, que introduz a quarta sonora de uma fonte não identificada, mas que indica ser de alguma equipe de resgate. Essa é gravada no mesmo plano próximo que as anteriores e, conseqüentemente, no mesmo ambiente. Após isso, inicia a última sonora, a do prefeito de Saudades, Maciel Schneider, encerrando a reportagem da cobertura.

Nessa produção, obtivemos os seguintes dados:

Quadro 4 – Produção técnicas Saudades

<b>Número de sonoras</b>	<b>Tempo das sonoras</b>
1ª sonora	00:21:59
2ª sonora	00:46:60
3ª sonora	00:14:41
4ª sonora	00:08:70
5ª sonora	00:04:42
6ª sonora	00:18:23

  

<b>Número de passagens</b>	<b>Tempo das passagens</b>
1ª passagem	00:10:12

  

<b>Número ao vivo</b>	<b>Tempo dos ao vivo</b>
1ª entrada	00:10:00

Fonte: autora (2022).

Além do exposto, o acontecimento ocorrido em Saudades, em maio de 2021, também pode ser considerado como um acontecimento midiático, pois, mesmo sem alguma comprovação específica, fica-nos claro que o público que acompanhou esse acontecimento, que alterou a grade de programação dos veículos, deixou de seus afazeres para acompanhar o caso transmitido. Nesse sentido, Katz (1999, p. 53 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 56) entende que o “elemento de grande drama ou ritual é essencial: o processo tem de estar carregado de emoções, símbolos, e o resultado repleto de consequências”.

Quanto à categoria de *expressividade do repórter*, utilizada para compor esta análise, podemos identificar alguns pontos que se distinguem da cobertura jornalística sobre o massacre de Suzano. Na cobertura de Saudades, houve, como já citado anteriormente, o uso de máscara; dessa forma, a expressividade da repórter não foi como na reportagem de Suzano, uma vez que, mesmo estando ciente da situação, e que o uso de máscara era uma regra universal, a sua utilização pôde fazer com que o telespectador não criasse uma fixação à maneira com que a repórter articulava as palavras.

Nesse contexto, Saback (2005 *apud* OLIVEIRA; GADINI, 2020, p. 158-159), comentam que,

se a notícia não pode ser contada com toda a qualidade técnica que a TV permite, o jornalista deve ser criativo na busca de soluções. Mesmo sendo um veículo de comunicação que tem, como diferencial dos demais – som e imagem em movimento ao vivo –, a TV comporta formas alternativas de veicular informação.

No entanto, para Paternostro (1999, p. 72), essa ideia nem sempre vai ser levada adiante, visto que, “[...] quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre as palavras. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção”.

Além disso, mesmo com repórteres na rua, com o distanciamento social, a dificuldade de se fazer novas imagens também contou para que o telejornal tivesse de se adaptar. Na cobertura de Saudades, fica perceptível um limite de imagens feitas do local, uma vez que todas as sonoras são gravadas no mesmo espaço, sem possuir liberdade no local. De alguma forma, tudo isso afeta o resultado final, como o fato de a reportagem ficar menos dinâmica.

Outro aspecto que podemos destacar é o tempo de duração de ambas as coberturas; a de Suzano, tendo oito minutos e nove segundos, enquanto, a de Saudades, tem três minutos e nove segundos. Ainda, na primeira cobertura, não é identificada a repetição de fontes ou

cases, e, na segunda cobertura, foram repetidas duas fontes. Isso pode ter ocorrido devido ao número restrito de entrevistados durante o período da pandemia, ou seja, a repórter teve que selecionar, agilmente, quem traria informações necessárias e precisas, afinal ela estaria contando com um número menor de fontes. Para melhor evidenciarmos, aqui, essas percepções, utilizaremos doravante as seguintes denominações: para o acontecimento de Suzano, *cobertura 1*; para o acontecimento de Saudades, *cobertura 2*. Assim, ao tratarmos da *cobertura 1*, identificamos uma liberdade gigantesca na produção da sua reportagem, o que, claramente, deve-se ao fato de que, em meados de 2019, não havia a identificação e a chegada da pandemia do novo coronavírus no país. Dessa forma, a repórter pôde construir sua cobertura com um tempo muito maior do que a *cobertura 2*, por exemplo. Além de que, nessa, a jornalista não precisava utilizar a máscara facial, logo, sua expressividade não estava tão “presa” quanto a da profissional da *cobertura 2*, na qual, ainda, ela necessitava medir uma distância máxima, exigida em termos, para que tivesse todo o cuidado, não apenas com a equipe, mas, também, com as fontes ali presentes.

Ambos os acontecimentos se caracterizam pelo mesmo tipo, ou seja, são dois acontecimentos midiáticos, pois alteraram, sem programação, a grade daquela determinada emissora de televisão. Quando observamos os detalhes, é possível percebermos, nitidamente, que as entrevistas feitas na *cobertura 1* não foram programadas, visto que foram entrevistas locais, em que o repórter, no momento, conversava com a fonte, junto com os demais veículos presentes no local, numa espécie de coletiva. Todavia, na *cobertura 2*, toda essa liberdade ficou de lado, pois era necessário seguir os protocolos de segurança, sendo, então, entrevistas programadas, em que a repórter conversou, antes da gravação, com as fontes e estabeleceu um local para as filmagens.

Nesse último caso, as sonoras dos entrevistados seguiram um padrão; ambos sempre de máscara e segurando seu próprio microfone, disponibilizado pela equipe. É importante ressaltarmos, também, que, na *cobertura 1*, não houve a repetição de sonora, o que ocorreu duas vezes na outra cobertura, com a da professora e com a do delegado. Essa técnica pode ter se dado por motivos da Covid-19, uma vez que a repórter precisou delimitar um tempo para cada entrevistado, bem como um número de fontes que usaria em seu material. Dessa forma, na *cobertura 2*, utilizaram-se quatro sonoras (com a repetição, seis); enquanto, na *cobertura 1*, foram sete, sem repetição. Outro ponto que chama a atenção é que, na *cobertura 1*, não foi utilizada a passagem do repórter, visto que essa foi feita com uma segunda entrada ao vivo, durante a reportagem. Já na *cobertura 2*, houve esse mecanismo, em um local em que não havia movimentação de pessoas e com a utilização dos EPIs necessários. Essa passagem

durou 10 segundos, mas teve a assinatura do repórter, o que, de certa forma, marca a reportagem. Outrossim, na *cobertura 1*, notamos a utilização de imagens em diversos enquadramentos, principalmente, de retratações aéreas e de câmeras de segurança, o que não ocorre na *cobertura 2*, a qual apresenta apenas imagens de plano médio, conjunto ou próximo. Ainda, devido à diferença na duração dos materiais analisados, podemos perceber que a repórter da *cobertura 2* teve que sintetizar e escolher, com cautela, o material que utilizaria, até porque, ao seguir os protocolos, ela não poderia passar muito tempo tendo contato com as fontes.

### **Considerações finais**

Partindo da intenção de analisarmos como, e até que ponto, as restrições impostas pela pandemia da Covid-19 impactaram na produção das coberturas telejornalísticas, tendo como base os acontecimentos de Saudades (SC) e de Suzano (SP), este estudo buscou utilizar, como embasamento teórico à análise realizada, autores que, de algum modo, já elucidaram o assunto tratado. Assim, utilizamos as teorias e concepções de Herscovitz (2010), para construir a metodologia deste trabalho, além das de Yorke (2007), Charaudeau (2018), Emerim e Brasil (2011) e Squirra (1993), os quais tratam dos conceitos de acontecimentos, cobertura e reportagem, dentro do telejornalismo.

Ao lançarmos um olhar crítico sobre a técnica que guiou as reportagens selecionadas, com o auxílio das categorias preestabelecidas, percebe-se como o telejornalismo desafiou-se e adaptou-se às novas situações, não apenas no cunho tecnológico, mas às adversidades, como a pandemia da Covid-19. Através dessa análise, portanto, firmamos a ideia de que, sim, o telejornalismo, assim como demais setores e áreas, passou por uma série de mudanças que, muitas vezes, fogem da nossa percepção. Desse modo, ficaram claras as transformações que ocorreram na área estudada, suas mudanças em relação à tecnologia e aos avanços no quesito conhecimento.

Diante ao exposto, evidenciamos, portanto, que o objetivo deste estudo foi concluído. Ao construir-se toda a análise e a comparação sobre os objetos que compuseram este trabalho, pudemos identificar que, de maneira sutil e muitas vezes imperceptível ao telespectador, as restrições impostas pelo Covid-19 provocaram adaptações no fazer telejornalístico. Igualmente, conseguimos apresentar e compreender, de modo mais específico e detalhado, como a repórter da *cobertura 2* realizou sua produção e encontrou soluções para seu trabalho,

em meio aos dois acontecimentos trágicos que ocorreram ao mesmo tempo: a pandemia e a chacina na Escola Aquarela.

Sendo assim, aqui cabe afirmar que, entendidos da notoriedade do telejornalismo ao contribuir com a sociedade no meritório momento em que leva a informação aos quatro cantos do mundo, este estudo como um guia, tem o compromisso de acompanhar as adaptações, e transformações que esta área apresentará ao longo dos próximos anos. Assim, como uma pequenina criança, que a cada dia, ao crescer, desenvolve suas habilidades.

## Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na tv. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. *et al.* (Org.). Manual os doze passos do telejornalismo. Juazeiro do Norte, CE: UFCA, 2016. Disponível em: [http://sites.ufca.edu.br/jornalismo/wp-content/uploads/sites/24/2016/01/Manual\\_Telejornalismo.pdf](http://sites.ufca.edu.br/jornalismo/wp-content/uploads/sites/24/2016/01/Manual_Telejornalismo.pdf). Acesso em: 03 jun. 2022.

CALDAS, Joana. Vítimas mortas em ataque a creche em Saudades levaram ao menos 5 golpes de facão, diz IGP. **G1 Santa Catarina**, 04 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/05/04/todas-as-vitimas-mortas-em-ataque-a-creche-em-saudades-receberam-pelo-menos-5-golpes-de-facao-diz-igp.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

EMERIM, Cárlica; BRASIL, Antônio. Coberturas em telejornalismo. *In*: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: UNICAP. p. 1-15.

EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2010.

MASSACRE em escola em Suzano deixa 10 mortos e nove feridos. Suzano, SP: Globonews, 2019. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/video/massacre-em-escola-em-suzano-deixa-10-mortos-e-nove-feridos-7453812.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2022.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. **RuMoRes**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 1-10, 2010. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2010.51209. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>. Acesso em: 17 jun. 2022.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. GADINI, Sérgio. (Org.). **Jornalismo em tempos de pandemia**. Aveiro: Ria Editorial: 2020

OLIVEIRA, Juliana de Motta. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da boate Kiss**. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação de mestrado) – Centro de Ciências Sociais e Humanas Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo, COUTINHO, Iluska. (Org.). **#telejornalismo**: nas ruas e as telas. Florianópolis: Insular, 2013.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

YORKE, Ivo. **Telejornalismo**. 4. ed. São Paulo: Editora Rocca, 2007.